Valor ECONÔMICO
Setorial

Julho 2022
www.valor.globo.com

AGRONEGÓCIO

CORRIDA COM BARREIRAS

Commodities agrícolas superam obstáculos da guerra e dos custos

CENÁRIO INCERTO PRESSIONA CUSTO

Faturamento de nutrição animal avança só 1% neste ano, mas a demanda por medicamentos e vacinas deve crescer com o objetivo de elevar a produtividade

Por Vladimir Goitia

CLAUDIO BELLI / VALOR

Zani, do Sindirações: parte dos aumentos é absorvida pela cadeia produtiva

Incertezas provocadas pela inflação global, com impacto e incremento nos custos de insumos, logística e produção, levaram o setor de nutrição animal a revisar para baixo suas estimativas para este ano. Baseado nas vendas das empresas da área de proteínas (frango, suínos, bovinos, peixes e camarões), o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) chegou a projetar faturamento 3,5% superior ao de 2021. No entanto, com a retração do consumo doméstico de proteínas, em decorrência do forte aumento nos preços, a entidade reduziu sua projeção para cerca de 1%.

Levantamentos do Sindirações mostram que, no intervalo entre 2015 e 2019, o preço médio da tonelada da ração para frangos estava em R$ 1.026, mas disparou para R$ 2.437 em março deste ano, mais 137%. Já a ração para suínos no mesmo período subiu 160%. A entidade lembra que os preços do milho e do farelo de soja, que são adicionados às rações à taxa média de 70% e 20%, respectivamente, dispararam. Entre 2019 e início deste ano, por exemplo, o preço da saca de milho era de R$ 42 em média, mas saltou para R$ 104 em março, aumento de 147%. Hoje, baixou para R$ 85. Já o preço do farelo de soja no mesmo intervalo chegou a subir de R$ 1.223 para R$ 3.021, mais 147%.

"Não temos como repassar esses incrementos ao consumidor final. Terão de ser absorvidos por toda a cadeia produtiva", diz Ariovaldo Zani, CEO do Sindirações. Essa é, segundo ele, uma das explicações para o aumento nos preços da proteína animal, principalmente a bovina e derivados de leite. "Entramos num círculo vicioso em que se observa aumento nos preços dos insumos, queda na renda do trabalhador, consumo menor e, consequentemente, queda na produção", destaca.

Diante da baixa no consumo de proteína animal, somado ao cenário externo, em que a China, maior comprador do Brasil, reduziu suas importações, o Sindirações refez suas projeções. "Com esses impactos ne-

gativos, o resultado de 1% de expansão esperada já será aceitável diante do atual cenário econômico", diz Zani. Estimativas da entidade apontam que os negócios do setor de rações devem movimentar neste ano o mesmo patamar de 2021, em torno de R$ 135 bilhões. Em volume, a previsão era chegar a 88 milhões de toneladas, mas não deve passar de 86 milhões.

A DSM, uma das líderes em nutrição e saúde animal, afirma que alguns insumos utilizados na fabricação de suplementos nutricionais, entre eles a ureia e o fosfato, sofreram aumentos exponenciais durante a crise e a guerra entre Ucrânia e Rússia. Esses produtos aumentaram 74% e 81%, respectivamente, nos últimos 12 meses. "Com isso, um dos principais desafios da cadeia produtiva está em como balancear essa equação e garantir a disponibilidade de alimentos para toda a sociedade", diz Sergio Schuler, vice-presidente do negócio de nutrição e saúde animal para ruminantes da DSM.

Apesar disso, a meta da empresa para os próximos anos é crescer acima do mercado. "Nossa ambição é de crescimento por meio de soluções locais e produtos inovadores. Vamos ampliar nossa oferta, pensando na sustentabilidade ambiental, social e econômica para atender às necessidades e aos desafios de cada processo produtivo", diz Schuler.

Em direção oposta, o setor de medicamentos veterinários e de vacinas estima para 2022 expansão entre 10% e 12%, pouco acima do patamar médio de 9,7% que tem se repetido na última década. O faturamento esperado é de R$ 10,2 bilhões, acima dos R$ 9,1 bilhões registrados em 2021. "O uso de produtos veterinários e vacinas aumentou em todos os segmentos porque não tem como deixar o animal correr riscos de morrer", afirma Emilio Salani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan).

Nesse cenário econômico complexo e de incertezas, a Ourofino Saúde Animal, o maior grupo farmacêutico-veterinário de origem brasileira, espera acompanhar a expansão do mercado, ou até crescer um pouco acima. Kleber Gomes, CEO da companhia, diz que no primeiro trimestre deste ano a receita líquida cresceu cerca de 20% ante igual período de 2021, para R$ 202,3 milhões. No acumulado dos dois últimos anos, a expansão foi de 46%.

No segmento de animais de produção, que corresponde a 75% da receita total, a empresa cresceu 21,6% no mesmo intervalo, alcançando R$ 140,6 milhões de receita líquida. No de animais da companhia, a expansão foi de 11,3%, totalizando R$ 33,4 milhões. A Ourofino investe 8% de seu faturamento a cada ano.

Sobre o impacto do câmbio, pelo fato de 90% dos ingredientes farmacêuticos ativos (IFAs) para produtos farmacêuticos veterinários e vacinas serem importados, Salani explica que esses componentes são uma quantidade mínima, entre 1% e 1,5%, na composição da medicação. "O aumento do dólar impactou em tudo, da eletricidade ao isopor, da caixa de papelão à embalagem plástica, além dos fretes. Tivemos de nos adequar a esse quadro, mitigar o impacto e dar continuidade a nossa atividade, que é essencial", ressalta.

PAULO EDUARDO CANEDO NABAS /DIVULGAÇÃO

Gomes, da Ourofino: avanço da receita de 46% em dois anos

Luis Xavier Rojas, vice-presidente sênior e diretor-presidente da Zoetis Brasil, acrescenta que a demanda de produtos veterinários e vacinas cresceu porque são fundamentais para o aumento de produtividade, sanidade e eficiência nas fazendas. Segundo ele, o Brasil está entre os três países com a maior população de animais de estimação, mas em saúde animal é somente o sétimo. "Há, portanto, espaço para crescer. Da mesma forma, sabemos que a produtividade no setor pecuário pode melhorar, e a saúde animal está na vanguarda dessa melhoria."

Rojas lembra que, em 2021, o Brasil deu passo importante ao receber da Organização Mundial de Saúde Animal reconhecimento de que o Acre, Paraná, Rio Grande do Sul e Rondônia, além de parte do Amazonas e do Mato Grosso, são zonas livres de febre aftosa sem vacinação. Essas regiões se juntaram a Santa Catarina nessa condição. "Temos a perspectiva de que mais estados estarão nessa lista. Esse fato abre mais possibilidades de exportação, porque alguns mercados exigem essa certificação para importarem carne."